

BRASIL-72 NAS ARTES PLÁSTICAS: AS VANTAGENS DE UM PAÍS SOBERANO

REPORTAGEM DE JOS LUYTEN

Discos

Muita coisa boa, entre as novidades para a juventude

Não pára de sair disco de música jovem (importada, acrescenta-se) nos suplementos de nossas principais gravadoras. Felizmente, a qualidade é excelente, o que mostra que os selecionadores de repertório estão tomando cuidado e deixando de lado os "abacaxis" que nem mesmo no exterior falam a sensibilidade dos que são para viver.

A Phonogram, por exemplo, soltou três LPs extraordinários, desses que extravasam o mero aspecto de "juventude" e podem interessar até mesmo a pesquisadores sérios. O mais proeminente dentre estes intitulase "Valentyn Suite" e traz interpretações do grupo Colossium, numa edição original do selo Island. O lado A desse estereofônico é lugar comum; traz quatro faixas que em nada diferem do que se anda fazendo por aí, com vozes, guitarras e bôca à algibeira, o que estamos acostumados (e já nos vamos desestocando). Mas o lado B é algo fora de série, realmente notável. Aqui nos deparamos com uma peça inteira — a "Valentyn Suite", que dá título ao LP — repleta de efeitos assombrosos e magistralmente desenvolvida pelos rapazes do Colossium. Coisa que só mesmo ouvindo dá para aquilatar. Sensacional, de verdade!

Quase no mesmo nível deste "Valentyn Suite" encontramos outro lançamento da Phonogram: as músicas da peça "Godspell" (da autoria do genial Stephen Schwartz), que está sendo vastamente comentada pelo mundo afora. Esta gravação é particularmente importante porque nos mostra o elenco original (David Haskell, Stephen Nathan, Joanne Jonas e Robin Lamont, por exemplo), com a supervisão do próprio autor. Foi feita pelo selo Bell e ostenta impressionante nível estereofônico do tipo que, numas boas condições de reprodução, estamos diante dos intérpretes. Gostei muito dessa criação de Schwartz e posso adiantar que supera todas as experiências congêneres de "Superstar". A música e as interpretações (muitas delas surpreendentes, vocês vão ver) são algo digno da mais respeitosa atenção.

Finalmente, pela Phonogram, um disco que não precisa de referências, pois traz-nos o saudoso Jânio Hendrix em um de seus derradeiros registros, ou melhor dizendo, em interpretações "ao vivo" realizadas em diversos locais, todas reunidas num único LP. Trata-se de uma expressiva reminiscência desse formidável artista, importante como documento e altamente recomendável como exemplo inconfundível da moderna corrente da música jovem. A edição saiu aqui com o selo Polydor e foi prensada em estereo. Título: "Hendrix In The West".

A Odeon, em seu último suplemento, contribui com dois marcantes lançamentos: "A Question Of Balance", com The Moody Blues, e "Love Book", com The Lettermen. O primeiro — originalmente do selo Decca Inglês, que entre nós ostenta a etiqueta London — traz-nos de volta o mesmo grupo que assombrou todo o mundo com o "Every Good Boy Deserves Favour" (editado no Brasil, pela Odeon, faz dois meses), num programa semelhante ao de seu LP anterior. Muito efeito instrumental e experiências harmônicas admiráveis caracterizam o desenvolvimento do disco inteiro, que foi gravado em soberbo estereo.

Ainda da Odeon — mas agora reproduzindo um original da marca Capitol — temos outro lançamento merecedor de toda a atenção, e este dos já citados Lettermen. Os três rapazes do conjunto (que são acompanhados por expressivos arranjos de Perry Botkin Jr. e Mort Garson) dão conta de um programa dedicado ao amor, e até mesmo "Wedding Song" (a maneira deles) tem no meio. É preciso ouvir este disco, pelo modo como ele revela o ponto de vista dos jovens a respeito de matéria tão complexa como é o amor. Achei esplendoroso o som estereofônico.

NOVOS LANÇAMENTOS

"Hoje é o primeiro dia do resto da sua vida", com Rita Lee. Edição LP, estereofônica, da Phonogram, com o selo Polydor. Disco muitíssimo bem gravado (em 18 pistas, observe-se, no novo Estúdio Eldorado), e que não foge em nada às características que identificam todos os registros dos Mutantes. A diferença, aqui, é que Rita Lee aparece como a "vedete", não obstante ser-lhe reservado o mesmo destaque das gravações anteriores com seus companheiros. Os títulos das músicas apresentadas são tão alinhados quanto as suas próprias, e só para se ter uma idéia damos a seguir alguns deles: "Pique comigo", "Troleite", "Tapupukitipa" e "Vamos tratar da saúde", suficientes para uma avaliação antecipada. Não se equivocem, porém, com as intenções do produtor Arnaldo Baptista. Do ponto de vista sonoro, este LP traz muita coisa interessante, e acima de tudo, atesta, como os 16 canais estavam fazendo falta em nossos discos. E só por tal aspecto, vale a pena gastar dinheiro com este Rita Lee. "Quatorze Maiores, Número 17", com vários artistas. Edição monaural, LP, da Copacabana. Reunimo, num único disco, dos maiores sucessos da etiqueta Copacabana, mostrando-nos interpretações de Moacyr Franco ("A música do meu caminho"), Martinha ("Come lá, violeta"), Nelson Ned ("Dime, dime, dime"), Angela Maria, ("Guitarra toca mais baixo"), Wanderley Cardoso ("Fala baixo"), Silvana ("Adeus, amor adeus"), e outros cartazes do elenco da gravadora. A vantagem deste tipo de lançamento é que evita embaraços com a grande quantidade de discos propostos nos compactos, acomodando numa só chapa o mesmo que exigiria sete discos de 7 polegadas. Mas fica só nisso.

Estes são Richard e Karen Carpenter — ou melhor, os CARPENTERS, como se tornaram conhecidos no mundo artístico internacional. Gravam para a AM Records e estão em nossos catálogos com mais um LP, aqui editado pela Odeon, trazendo canções realmente encantadoras. Entre estas, "Bless The Beasts Children" (que tem tudo para ser sucesso), "Crystal Lullaby", "Road Ode", "A Song For You" e "Goodbye To Love", com arranjos e orquestração de Richard Carpenter.

Atenção: todo o material destinado a esta coluna deve ser encaminhado à R. Riachuelo, 201 — 7.º andar — conjunto 7-A.

E justamente em uma ocasião como esta: a celebração de 150 anos de Independência, que a gente procura avaliar todas as vantagens de um país verdadeiramente soberano. Se temos 150 anos de emancipação política, podemos dizer que, há bem pouco tempo, conseguimos independência econômica, devido aos esforços reunidos de um povo determinado e um governo capaz. Outra liberdade e auto-afirmação de que o Brasil pode se orgulhar, esta também adquirida muito recentemente, é a independência artística. Nossa música popular não encontra barreiras e a arquitetura brasileira já conquistou a admiração da terra inteira desde a construção de Brasília. O último ramo, e o mais delicado deles, que acaba de impor-se aos olhos céticos e severos do mundo intelectual é o das Artes Plásticas.

Podemos dizer que as grandes bienais de São Paulo e poderosos museus como o Assis Chateaubriand, Museu de Arte Moderna e o Museu de Arte Contemporânea têm constantemente trazido aos olhos da cultura brasileira o que melhor se fez no ramo de todo o mundo. Do ano passado para cá a reação tanto do público consumidor como dos artistas tem se mostrado excepcionalmente sensível a um fato incontestável: a maturidade da arte no Brasil. Nos dez anos anteriores a 1972 não se havia inventado tanto em arte como nos últimos nove meses.

Além da talvez supervalorização de alguns artistas brasileiros, o mercado nacional contou com muitos nomes de primeira grandeza no cenário artístico internacional como Picasso, Klee e Dalí. Artistas nacionais de renome como Di Cavalcanti, Ismael Nery, Raimundo de Oliveira, Volpi, Rebolo e outros tiveram uma supercolação, devida à publicidade bem orientada de alguns "marchands" que não depõe absolutamente contra eles. Isso apenas prova que o Brasil é capaz de suportar um mercado de arte caro. Felizmente, outros grandes artistas de não menos valor passaram a ter seu merecido lugar no sul. Entre eles podemos citar Walter Levy, um dos maiores surrealistas do mundo e Lothar Charoux, um dos pioneiros do geométrismo em arte. Agora isso, observamos uma verdadeira legião de bons artistas jovens forçando o seu caminho com obras de valor, mostrando ao mundo que o nosso país é capaz de tanto superar formulas estrangeiras, rejuvenecendo-as e dandolhes novas tendências, assim como impor aos outros as suas próprias modalidades como a Arte Fantástica e o Primitivismo.

EXPORTAÇÃO DE ARTE

Entre os numerosos artistas que tiveram as suas obras exportadas para fora conta-se sobretudo a ala "naif", os primitivistas brasileiros que encantam o mundo com suas cores vibrantes e figuras ingenuas. São pessoas como Waldomiro de Souza, Ronaldo, Crisaldo Moraes, Paulo Vladimir, Waldemar, Raquel Kambinda e inúmeros outros que conquistam um mercado para o Brasil, diferente do café, algodão e açúcar.

O primitivo brasileiro é seguido de perto por uma ala nova e que assombra o mundo pela sua variedade, riqueza e vitalidade. É a Arte Fantástica brasileira imponente, sobretudo na Europa, onde a sua aceitação cresce dia a dia. Exponentes como Duílio Galli, Boris Arrivabene, Ricardo Augusto, A. Peixoto, Iglesias, Niobe Xandó e companheiros perfazem um conjunto que, ao ver de muitos críticos, será a nova ponta de lança da penetração da arte brasileira nos meios hermeticos do Velho Mundo.

CONSOLIDAÇÃO NO BRASIL

Todas as modalidades têm os seus adeptos no Brasil. É relevante o papel dos pintores folclóricos como De Biase e J. Rissin, que vão buscar suas inspirações naquilo que há de mais brasileiro em arte. Outros, como os conceitualistas Lydia Okumura e Genilson, levam aos extremos as pesquisas em arte, procurando caminhos, materias e expressões estéticas novas, dando possibilidade de expansão a outros artistas e mostrando que a arte é inesaurível.

Por outro lado, formulas mais velhas mas nem por isso ultrapassadas, ainda encantam os brasileiros que, à medida que vão compreendendo o valor da arte no país, procuram aqueles artistas que a cunham. A sempre querida e sempre moderna Tarsila do Amaral continua trabalhando para o Brasil. Lothar Charoux, o iniciador do geométrismo, está encontrando a sua merecida aceitação. Os antigos componentes do Grupo Santa Helena continuam infatigáveis: Rebolo, Aldo Bonadei e Volpi sobem cada vez mais na cotação. Walter Levy, o grande surrealista brasileiro cujo quilate equivale a um Yves Tanguy, um René Magritte ou um Max Ernst, está em evidência cada vez maior pois é devido a seu trabalho infatigável que o surrealismo brasileiro é, e consequentemente, a Arte Mágica tem o desfaço de que hoje desfrutam.

A GRAVURA: DEMOCRATIZAÇÃO DA ARTE

Antigamente pouco apreciada no Brasil, embora tivesse como expoente um Goeldi, a gravura, em suas diversas modalidades, está tendo sucessos muito além dos esperados. No dia 12 deste mês vai abrir-se a II Exposição Internacional da Gravura em São Paulo no Museu de Arte Moderna. Esta mostra é organizada pela NUGRASP — Núcleo dos Gravadores de São Paulo, o órgão representativo mais importante dos gravadores do país. Com obras da grande gravadora Icaro Berlincz, Perez Sola, Aldemir Martins, Tarsila do Amaral, Romildo Paiva, Nelson Bavaresco, Duílio Galli, Boris Arrivabene, Paulo Menten e outras dezenas de artistas representativos. A gravura, pela sua possibilidade de reprodução, permite que mais pessoas possuam obras artísticas a preços mais acessíveis, constitui o verdadeiro elemento democratizador em Artes Plásticas.

CINQUENTA ANOS DE ARTE MODERNA

Além do Sesquicentário da Independência do Brasil, comemoramos também Cinquenta anos de Arte Moderna. Podemos dizer que a árvore plantada durante a Semana de 22 está agora adulta e frutificando em ritmo cada vez mais crescente. Uma das maiores mostras de arte no Brasil foi a organizada pelo Museu de Arte de São Paulo "A Semana de 22 — Antecedentes e conseqüentes". Infelizmente, um de seus organizadores, o estimado Oswald de Andrade Filho, morreu enquanto procurava expandir ainda mais os valores culturais brasileiros. Outros grandes feitos do Museu de Arte foram as mostras de Paul Klee (ainda em exposição) e as de Bonnard e Domingos de Toledo Piza.

CRÍTICA CONSCIENTE

Ao lado dos artistas, não menos valor possuem os intelectuais que se ocupam da crítica e avaliação. Não nos podemos esquecer dos Professores Pietro M. Bard e Mário Zanini, diretores de Museu e grandes teóricos e conhecedores de Artes Plásticas. O agora retirado Geraldo Ferraz, ex-crítico de O Estado de São Paulo, sempre lutou por purificação nas artes. José Geraldo Vieira da Folha de S.

Paulo, sempre esteve mais voltado para as novas tendências, procurando incentivar a pesquisa. Por outro lado, Quirino da Silva, dos Diários Associados, está sempre tomando cuidado para que os verdadeiros artistas tenham o seu merecido destaque. O Prof. Mario Schenberg procura em arte aquilo que ela tem de mais autêntico e brasileiro. A jovem crítica está muito bem representada por Joyce Kruse de o jornal da Tarde e Maria Estêla da Folha da Tarde. Todos eles procuram trabalhar juntamente com os artistas em busca de uma afirmação cada vez mais evidente dos valores artísticos do Brasil.

BRASIL PLÁSTICA-72 — A Mostra de Arte Sesquicentária da Independência, Brasil Plástica-72, ou a Pré-Bienal, esta grande exposição que está aberta ao público durante os festejos da Independência e após, procura mostrar ao mundo que o Brasil, além de ser um país maduro industrialmente (ver a grande Feira de Exposição de São Paulo), é também um país capaz de impor-se pela sua cultura e arte. Os centenas de artistas de toda a nação que ali apresentam suas obras são centenas de afirmações intelectuais de um povo que confirma a sua liberdade.



O expressionismo encontra no Brasil seguidores que podem competir com qualquer estilo de Europa em condições de vantagem para nós. Este obra de pintor juca.



A querida Tarsila do Amaral, sempre moderna, sempre trabalhando. Aqui Tarsila do Amaral, sempre moderna, sempre trabalhando. Aqui Tarsila do Amaral, sempre moderna, sempre trabalhando. Aqui Tarsila do Amaral, sempre moderna, sempre trabalhando.



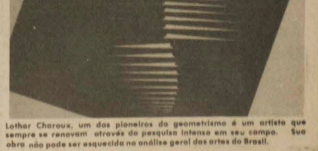
Gente como De Biase constitui um grande valor para o Brasil. Ele e os outros pintores folclóricos procuram representar aquilo que o Brasil tem de mais interessante e autêntico.



A alma do primitivismo brasileiro, Waldomiro de Souza já tem suas obras espalhadas pelo mundo todo. Há poucos meses, Waldomiro fundou o Mini Museu de Clássico, que será o futuro museu regional desta cidade. Cada obra recebida por doação ou trocada por trabalhos seus. Waldomiro espera que o clássico, clássico receba também o visto dos amantes de arte.

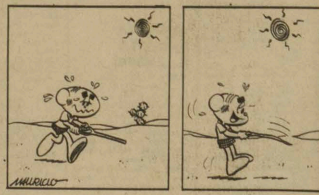


Um dos maiores surrealistas do mundo, Walter Levy delimita toda a sua vida às Artes Plásticas. Profundo conhecedor da técnica clássica, ele influenciou, através de suas obras, geração toda de cultivadores de Arte Fantástica que encontramos no Brasil um dos campos mais férteis possíveis.

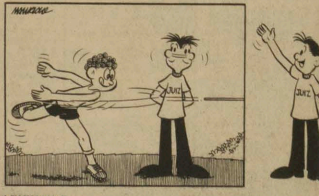


Lothar Charoux, um dos pioneiros do geométrismo é um artista que sempre se recusa através de pesquisas, intensa em seu campo. Seu obra não pode ser esquecida no âmbito geral das artes do Brasil.

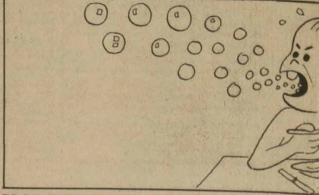
NIQUINHO



BOA BOLA



LEITINHO



PROF. NIMBOS

